

REFLEXÕES SOBRE AS CONSISTÊNCIAS IDENTIFICATÓRIAS E TURISMO

Dr. Rudimar Baldissera

RESUMO: Neste trabalho estuda-se a noção de identidade, sua evolução e deslizamentos para a idéia de processos identificatórios (identificações). Afastando-se da noção de identidade como algo coeso, linear e estável, propõe-se concebê-la como “*complexus*” de identificações, isto é, a identidade é a tessitura e a força que amalgama as várias identificações possíveis de uma entidade (indivíduo-sujeito, pólo turístico, município, país, cultura, sociedade). Os processos identificatórios em Turismo são pensados a partir da idéia de *consistência* de onde se atualiza a *possibilidade*, a *temporalidade* e a *intensidade* de identificação. Por fim, procura-se refletir sobre a relação dos processos identificatórios em Turismo, as estratégias para qualificá-los e suas implicações na definição por visitar um determinado atrativo/pólo turístico - relação entidade turística e público-alvo. Considera-se que esses sejam alguns dos primeiros passos para uma séria reflexão sobre a questão da mobilidade em Turismo.

PALAVRAS-CHAVE: turismo; consistências identificatórias; identidade; alteridade; públicos-alvo

Preliminares

Primeiramente, é preciso ressaltar que, neste estudo, não se revisa as diferentes concepções/empregos que a noção da identidade teve historicamente, nem tampouco os diferentes olhares que são lançados a partir dos vários campos do saber. Antes, procura-se pontuar a concepção de identidade adotada nesta pesquisa para poder pensar os processos identificatórios em Turismo.

A noção de identidade é da qualidade do complexo, diferentemente do que possa parecer quando do seu emprego pelo senso comum. Normalmente, sem compromisso com concepções epistemológicas, o termo identidade é empregado para referir/destacar as diferenças, sejam elas de caráter pessoal, sociocultural, ecossistêmico e/ou fisiológico. Trata apenas de pontuar o que faz com que uma dada entidade identitária (pessoa, grupo cultural, empresa) seja diversa de sua alteridade. Nesse sentido, como se verá a seguir, para falar do “si mesmo”, tende-se a construir uma estória linear, sintetizante e caracterizante, de modo que a identidade é contada como única/exclusiva; diferente de tudo. Porém, se essa compreensão simplificada pode ser empregada pelo senso comum em sua cotidianidade, o mesmo não pode ser dito quando se trata dos empregos filosóficos-técnicos-científicos. Dito isso, importa recuperar afirmações de Morin (1996a) sobre a noção de sujeito para melhor compreender a de identidade.

A noção de sujeito

De acordo com o autor, para referir-se a “si mesmo” o eu-sujeito necessita referir-se ao

mundo externo, portanto trata-se de “auto-exo-referência”. Morin reconhece uma distinção fundamental entre o “si” e o “não-si” que, além de ser cognitiva é “distributiva de valor: atribui-se valor ao si, e não-valor ao não-si.[...] E assim, se opera a distinção entre si/não-si, mim/não-mim, entre o eu e os outros eus” (MORIN, 1996a, p. 49-50). Outro princípio de identidade destacado pelo autor é o da “invariância” do eu sujeito. O sujeito, por mais que ocorram transformações psicológicas e fisiológicas, dentre outras, percebe-se como permanente, sempre idêntico: continua sendo o “eu”. O “eu” sutura/(re)liga todos os fragmentos e constrói uma história com sentido de unidade.

A noção de sujeito também tem associados os princípios da “exclusão” e o da “inclusão”. “qualquer um pode dizer ‘eu’, mas [...] ninguém pode dizê-lo por mim. Ou seja, ‘eu’ é a coisa mais corrente, mas ao mesmo tempo é uma coisa absolutamente única” (MORIN, 1996a, p. 50, grifos do autor). Daí a exclusão. Porém, articulado a esse princípio, sempre está o de “[...] inclusão que faz com que possamos integrar em nossa subjetividade outros diferentes de nós, outros sujeitos. Podemos integrar nossa subjetividade pessoal numa subjetividade mais coletiva: ‘nós’” (MORIN, 1996a, p. 51, grifo do autor). Assim, presentifica o princípio hologramático: a parte (eu) está no todo (coletivo/nós) que está na parte (eu). Nessas relações que regeneram o sistema, podem se estabelecer diferentes graus de tensão dialógico-dialética que vão desde a total inclusão - sacrifício pessoal - até os mais avançados estágios de egoísmo, a egocêntrica exclusão. Aí imbricado está, também, o princípio da comunicabilidade.

O autor ainda pontua o sistema neurocerebral - que enlaça e forma o conhecimento e os comportamentos - e a linguagem - que possibilita ao sujeito objetivar-se e tomar consciência de si mesmo. Nessa perspectiva, Morin ressalta a seguinte articulação/compreensão: “quando falo” (eu), também fala a comunidade a que pertença (nós). Porém, além de o “nós” estar no “eu falo”, está aí presente o “se fala”. “Fala-se, algo anônimo, algo que é coletividade fria. Em cada ‘eu’ humano há algo do ‘nós’ e do ‘se’. Pois o eu não é puro e não está só, nem é único. Se não existisse o se, o eu não poderia falar” (1996a, p. 54, grifos do autor). Institui-se, assim, a incerteza: nunca se sabe, exatamente, quem fala - se o “eu”, o “nós” ou o “se” - e mais, o sujeito experimenta, também, a incerteza de “poder-ser” o tudo e o nada - sob a lente do egocentrismo é o centro do mundo, mas frente ao universo não é nada.

Com base nisso destacam-se dois aspectos: a) o primeiro dá conta da importância da idéia de relação, isto é, a possibilidade do ‘eu falar’ está na sua relação com o ‘não-eu’, com o ‘se fala’. Daí o ‘eu’ e o mundo sensível somente assumirem sentido e valor à medida que estão/são

relacionados, comparados, articulados e apreciados; b) o segundo aspecto remete às afirmações de Bakhtin (1999), quando se refere às noções de autoria e polifonia, que dão ênfase ao fato de a ‘palavra’ não pertencer exclusivamente ao sujeito falante, mas que, de alguma forma, traz presentes todas as vozes que o antecederam.

Dito isso, afirma-se que - com base em Morin - o indivíduo-sujeito é construtor e construção, tece e é tecido nos processos histórico-sócio-culturais, objetiva-se pela consciência de si mesmo, cria, mas também sofre sujeição, experimenta a incerteza, é egocêntrico e tem autonomia-dependência, sofre constrições e contingências, e auto-eco/exo-organiza-se. Trata-se, portanto, de um sujeito agente, com diferentes graus de autonomia, influência e consciência frente à diversidade de situações eco-histórico-sócio-estruturais.

Sobre identidade, alteridade e simpatia

De modo geral, o termo “identidade” é empregado para remeter a algo uno, integral, original, quase que imutável. Por essa lente, o indivíduo (agente), a organização, o grupo sociocultural e outras entidades, seriam definidos de uma vez por todas e marcados de modo quase que indelével, ou seja, a identidade é pensada como algo sólido, consolidado e inalterável. Essa percepção trata de assinalar a identidade como indestrutível: ela está pronta e não se dissipa.

A auto-objetivação em uma dada identidade, realizada pelo indivíduo-sujeito e calcada na idéia da diferença ‘eu-outro-mundo’, de alguma forma, permite que a entidade se perceba como unidade coerente, respeitável e com tendência à estabilidade. A idéia de estabilidade é fértil para se pensar a ‘certa previsibilidade’ atualizada pelas relações ‘eu-outro-nós’ mais duradouras. Nos processos relacionais, a previsibilidade tende a ser apreciada positivamente, pois que, dentre outras coisas, neutraliza a ansiedade frente ao novo, ao desconhecido. Sob esse viés, num âmbito mais complexo, pode-se dizer que a identidade de um determinado grupo sociocultural também tenderá a ser previsível (ou melhor, ‘é desejável que seja’), pois que, dentre outras coisas, traspassa/impregna seus componentes com um conjunto de regras, valores, crenças, imaginário e padrões de comportamento que orientam o pensar e o agir do indivíduo no seu dado grupo cultural, bem como frente aos outros grupos (seus indivíduos).

Entretanto, paulatinamente, sob a perspectiva da tradição sociológica, essa noção de identidade-completude, ainda viva no lugar do senso comum, sofre um deslocamento. Deixa de ser pensada como primordial, imutável e imanente, para ser compreendida como resultante da

interação que o 'eu' (espaço interior, mundo pessoal) estabelece com a sociedade (espaço/estrutura exterior, mundo público). Porém, se, de um lado, o núcleo interior do sujeito já não é tido como independente, mas interdependente das relações que estabelece 'com a'/'na' estrutura social - identidade como construção representacional a partir das mediações, costuras e arremates entre o plano pessoal e o público (rede simbólica-cultura-imaginário) -, por outro, continua a contemplar a construção de uma identidade coesa, delimitável, harmônica, coerente e condigna à condição sociocultural. Assim, além de exprimir a conseqüente das diversas tensões relacionais entre o sujeito e o seu contexto (eco-histórico-sócio-culturalmente estruturado), 'pela' identidade - e nela -, o sujeito é suturado, colado, apreciado (valorado), articulado e estratificado ao/no sistema social, de modo que possa facilmente localizar-se e ser localizado.

Esse prisma sugere a existência de um processo que faz com que os membros de uma determinada sociedade, mesmo que se compreendam/concebam como únicos, como portadores de identidades coesas e diferenciadas, sob uma cultura específica, tendem à identificação, à simpatia ou, como afirmou Foucault (1999), à figura do Mesmo. Pela identificação, o sujeito e o entorno cultural estariam inclinados à estabilidade; mais unificados, tornar-se-iam facilmente previsíveis. Desse modo, as probabilidades de se pertencer a um determinado grupo sociocultural mantém relação direta com o nível de identificação conseguido, até porque o grau de identificação pauta os processos de inclusão e de exclusão.

A este ponto, importa ressaltar que a perspectiva desenvolvida, apesar de ser bastante produtiva para pensar a identidade, e, portanto, não poder simplesmente ser descartada como 'débil' ou arcaica, precisa ser complexificada. Trata-se de fazer com que tais idéias passem por uma filtragem mais densa, menos linear, ordenada e, por que não, menos previsível.

Nesse sentido, uma fundamental alteração na concepção de identidade é presentificada na seguinte afirmação de Hall: "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas" (2000a, p. 12). Isso implica uma ruptura teórica definitiva com a possibilidade de uma identidade essencial, coesa, fixa, imaculada, por mais que o sujeito, em sua cotidianidade, ainda se auto-reconheça como único e inalterável. Nesse sentido, é ponderado e pertinente pensar que a atual constituição ecossistêmica potencializa a fragmentação e o descentramento do sujeito-identitário, bem como aguça o olhar do investigador para esse fenômeno.

A luz desse pensar, pode-se dizer que nos diversos momentos, o sujeito tende a assumir diferentes identificações que podem ser, inclusive, contraditórias, portanto deslocadas/projetadas em diversas direções. Segundo Maffesoli, está ocorrendo “um deslize progressivo da identidade em direção à identificação” (1996, p. 302). Opondo identidade (indivíduo) à identificação (pessoa), o autor postula a existência de uma dupla natureza da “individualidade de base” cuja expressão pode dar-se “pela forma do ‘indivíduo’ que tem uma identidade forte e particularizada, ou perder-se num processo de pertencer a um conjunto mais vasto. Essa segunda modulação, produzindo, então, a pessoa (*persona*), procedendo por identificações sucessivas” (1996, p. 309). Essas são duas possibilidades de atualização identitária interdependentes do momento e contexto em que se realizam, isto é, as especificidades eco-histórico-sócio-culturais de uma dada estrutura influenciam e potencializam uma ou outra individualidade de base. Quando sobrevêm o pólo do pertencer, das identificações, assumem importância a pessoa e o papel “que ela é chamada a desempenhar na teatralidade geral. Coisas que induzem um jogo de máscaras de acessos imprevisíveis e de atualidade evidente” (MAFFESOLI, 1996, p. 209-10). Pelas suas qualidades, esse é o primado da comunicação.

Hall (2000a) comunga da idéia das identificações ao afirmar que melhor do que se falar em identidade é falar em identificações (processos), e mais, diz que a sensação de que se possui uma identidade unificada, desde o nascimento até a morte, deve-se ao fato de os sujeitos construírem histórias cômodas e coerentes sobre si (representações simbólicas). Assim, as discontinuidades, os deslocamentos, os fragmentos são suturados e relacionados como componentes de uma única e grande narrativa sobre o ‘eu’. “O eu é apenas uma ilusão, ou antes é uma busca iniciática, não é um dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja, para ser exato, unidade de suas diversas expressões” (MAFFESOLI, 1996, p. 303).

É no interior dessas representações que as identidades são construídas e transformadas, até porque o ser humano “não tem um acesso direto à realidade natural. Qualquer conhecimento do mundo implica uma construção de sentido” (RUIZ, 2003, p. 59). Esse processo de permanente construção/reconstrução dá-se, fundamentalmente, pela relação, isto é, pela estreita relação dialógica, dialética e recursiva que a identidade mantém com a alteridade. Desse modo, à medida que “os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2000a, p.13).

Com base nessas concepções, pode-se inferir que/estabelecer as seguintes considerações:

a) os processos identificatórios constituem-se na expressão de algo como uma ‘multipersonalidade’ do sujeito; b) a multiplicidade de identificações do ‘eu’ atualiza-se por uma pluralidade de lógicas, muitas vezes não retilíneas, nem tampouco contínuas, mas tensionadas/inter-relacionadas de modo a todas *retroagirem* umas sobre as outras; c) paradoxalmente, “a pessoa pode ser, ao mesmo tempo, uma individualidade como em si mesma e uma parte de um ser coletivo” (MAFFESOLI, 1999, p. 350); e d) somente é possível acessar e/ou descrever uma identidade a partir de sua temporalidade material, em sua práxis. Porém, é muito provável que a descrição contemple apenas um fragmento, uma das possibilidades de identificação, ou seja, uma das máscaras utilizadas pela pessoa (*persona*) para representar, a partir de uma dada materialização inter-relacional.

Da mesma forma que a idéia de relação é fundante para a noção de identidade, também o é para a de alteridade. Alteridade e identidade são permanente tensão relacional; são interdependentes. É um permanente estar do ‘si’ pelo, para e com o ‘não-si’. Então, a noção de ‘alter’ somente existe em situação relacional com a de ‘não-alter’, que consiste no ‘si mesmo’ da outra identidade relacionada. Assim, a alteridade tem como condição de existência o olhar/percepção procedente de uma dada identidade - como sistema exo-auto-eco-psico-organizado - tecida em um determinado contexto histórico-sócio-cultural e estruturado. Daí que, de acordo com Landowski “a emergência do sentimento de ‘identidade’ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ‘alteridade’ a ser construída” (2002, p. 4, grifos do autor).

Nesse sentido, pode-se dizer que assume relevância o princípio da comparação e, indissociavelmente, o da diferença. O sujeito tensiona o ‘eu’ (identidade) com o ‘não-eu’ (alteridade) e avalia comparativamente: a identidade constitui-se como sendo o que a alteridade não é, ou seja, a partir da comparação/apreciação, a identidade e a alteridade são objetivadas naquilo que apresentam, reconhecidamente, como diferente, exclusivo. Mediante esse processo, as características comuns às identidades relacionadas tendem a ser neutralizadas, enquanto que, pelas diferenças a alteridade é definida. Porém ao definir a alteridade, a identidade também se qualifica e constrói como unidade.

Observa-se que, em sua cotidianidade, por mais que o sujeito se conceba como identitariamente estável, transforma-se a cada relação que estabelece com a alteridade, independentemente da modulação que esse outro apresentar: seja a mãe, o pai, Deus, o grupo dos

colegas de trabalho/estudos, a família e/ou os ‘outros’ que o constituem/co-habitam. Nesse sentido, vale atentar para o fato de que “a identidade da autoconsciência não é algo prévio à alteridade, nem o outro constitui um momento posterior ao eu. A alteridade é a referência primeira e concomitante à constituição da própria identidade. O outro [...] constitui a condição de possibilidade para sua existência” (RUIZ, 2003, p. 55).

Dito isso, importa questionar-se: o fato de a identidade e a alteridade serem construções (ou, melhor, processos construtivos, pois são permanentes), ‘articuladas à’ e ‘dependentes da’ idéia de diferenciação, as exime da possibilidade de, quando das inter-relações/interações, macularem-se mutuamente? Identidade e alteridade seriam coesões nucleares tão resistentes e excludentes a ponto de as tensões materializadas entre elas apenas terem o sentido comparativo de atualização de sua diferenciação?

Acredita-se ser possível pensar nos processos de diferenciação e, concomitantemente, na ocorrência de máculas. O fato de a condição de existência da identidade estar na alteridade (e vice-versa), ‘ser o que o outro não é’, portanto ter a idéia de diferença como matriz constitutiva, não significa que não existam presenças do ‘outro’ em tal identidade. De outra forma: se, por um lado, a noção de identidade guarda a idéia de o ‘eu’, devido às suas particularidades (que são de diversas qualidades, dentre elas as psicológicas e as fisiológicas), ser único (somente ser idêntico a ‘si mesmo’, porque distinto) e ter seu valor determinado pelas diferenças, por outro, não rechaça a possibilidade de que outras características, também constituidoras desse ‘eu’, tenham sido postas em suspenso por não se apresentarem diferenciais, isto é, não se tratarem de características exclusivas, mas inclusivas. Nesse sentido, o ‘eu’ complementa o ‘outro’ que complementa o ‘eu’.

Dialógica, essa relação de complementaridade também pode ser de antagonismo. Nesse sentido, de acordo com Morin (2002b, p. 52), a organização, o grupo cultural e/ou a sociedade tendem a reprimir, inibir o indivíduo, e esse aspira a emancipar-se da trama social. Atualiza-se aí a permanente tensão antagônica entre o egocentrismo do sujeito (conforme se apresentou) e sua tendência ao sociocentrismo.

Vale destacar que a atualização de uma tendência exclusiva (egocêntrica) ou inclusiva (sociocêntrica) muito depende do seu ambiente. No momento em que o valor paradigmático estiver enraizado na diferença, na individualidade, tenderá a prevalecer a ‘identidade como exclusividade’, porém quando o lugar for o do ‘pertencimento’, sobrevêm os processos identificatórios, portanto, de “simpatia” (FOUCAULT, 1999) e inclusão. Ocorrem, como afirmou Maffesoli (1996),

deslizamentos da identidade para os processos de identificação; manifestam-se os desejos de pertencer.

A identidade cultural, da mesma forma que seus conceitos-base, constrói-se sobre a noção de relação, isto é, para fazer sentido, sua existência depende do 'outro', seja ele de qualquer modulação: sujeitos/identidades individuais que compõem o próprio grupo cultural e/ou sociedade, outros grupos culturais, sujeitos/identidades de outras culturas, outras crenças, valores e comportamentos, dentre outras. Portanto, a identidade cultural encontra complementações e semelhanças na alteridade, mas também se defronta com antagonismos e diferenças. De modo semelhante ao da construção da identidade individual, a cultural elabora para si mesma uma narrativa coerente, linear, una e coesa, procurando diluir/neutralizar a diversidade de fragmentos e possíveis identificações articuladas em seu âmago. Trata-se de um processo de naturalização da representação simbólica. Mediante mecanismos próprios, tais como os esquecimentos, os apagamentos, os mitos e os rituais, elimina as descontinuidades, a desordem e as contradições, e reveste-se com a plasticidade da continuidade, da coerência e da ordem.

Simbólico, provisório e processual, o contorno da identidade é permanentemente (re)desenhado nas complexas negociações atualizadas na fronteira cultural, ou seja, nos lugares em que a identidade cultural relaciona-se dialogicamente com os 'outros', sejam as identidades que estão fora dela e/ou as muitas vozes identitárias internas. Desses 'outros', incorpora informações, energia e (des)organização. Pensa-se, aqui, no processo auto-exo-eco-organizador. Então, dialógica e recursivamente, a identidade é transformada e transforma, é construída e constrói, é deslocada e desloca, ampliando e/ou retraindo seu conteúdo simbólico.

Dito isso, ressalta-se que o viés teórico que se está assumindo contempla a noção de identidade como *complexus* de identificações, isto é, a identidade é a tessitura e a força que amalgama as várias identificações possíveis de um indivíduo-sujeito – portanto, também de uma organização, cultura e sociedade. Sob esse prisma, a identidade somente é possível pelas relações, pelas presenças, ou seja, o 'eu' exige a presença do 'outro' para existir, para ter sentido. A identidade não é apenas diferença, exclusão, fechamento, organização, unidade, antagonismo, egocentrismo, mas também semelhança, inclusão, abertura, desorganização, multiplicidade, complementaridade e sociocentrismo.

Aderências identificatórias: possibilidades, temporalidades e intensidades

Quer parecer que distintas *consistências* caracterizam as aderências identificatórias. Pensa-se na *consistência* como a tessitura resultante de associações, resistências, sobreposições, misturas, imbricamentos e outras inter-relações/interações que se realizam, consciente e/ou inconscientemente, no/pelo sujeito imerso no seu ambiente, ou seja, por um ser humano histórico-eco-psico-fisio-sócio-culturalmente articulado numa estrutura específica. Portanto, a identificação não é puro subjetivismo, nem tampouco absoluta determinação externa. Antes, as atualizações ‘para a’ e ‘na’ realização da *consistência* da aderência identificatória têm sua fertilidade no húmus que, dentre outras coisas, compreende as tensões dialógico-recursivas entre imaginário, instintos, desejos e necessidades (conscientes/inconscientes), ambiente, informações, cultura/symbolismos, conhecimentos e saberes. Esses constituintes, que se realizam em profusões, (des)organização, (des)ordem, catalisações e outros processos, (re)elaboram e vivificam permanentemente a tessitura que é o “processo *consistência* da aderência”.

As diversas identificações realizadas (ou em potencial) pelo sujeito têm a *consistência* como implicante e ‘combustível’. Por isso, ela definirá, em certo nível, as diferentes *possibilidades*, *temporalidades* (durações) e *intensidades* de materialização dos processos de aderências identificatórias, como segue:

a) *possibilidade* - ocorre a apreciação, mediante tensões do racional com o não-racional, do consciente com o inconsciente e outras, das possibilidades de identificação entre o ‘eu’ e o ‘outro’ (seja esse ‘outro’: pai, mãe, irmão, colega, ‘outros’ interiores, idéias, organizações, atrativos e produtos turísticos e outras modulações). De alguma maneira (nível, qualidade), o ‘eu’ consegue se ver/reconhecer no ‘outro’? O ‘outro’ traz no ‘si mesmo’ alguma presença do ‘eu’ (uma característica, ação, idéia e/ou desejo expresso), mínima que seja? Tomando-se, como exemplo, o caso dos empreendimentos turísticos, pode-se dizer que no efervescer da *consistência* serão definidas as possíveis aderências ‘eu’-‘outro’, pois que, de alguma maneira, tenderá a presentificar as possibilidades de identificação entre eles. Assim, responderá (as manifestações da *consistência* de aderência podem dar-se por distintos fluxos, percursos e com variados níveis de *consciência*) se, de algum modo, o ‘outro’ (produto turístico) está presente no ‘eu’ (indivíduo ou públicos/agentes de interesse). Isto é, ‘eu’ consigo me reconhecer na face do ‘outro’, seja nos seus procedimentos, idéias, propostas, compromissos, ética, diferenças, estranhamentos (curiosidades) e outras especificidades do produto turístico? Respostas positivas significam

potencial inclinação à aderência identificatória, mas, não, necessariamente, sua manifestação;

b) *temporalidade* - se a identificação entre o 'eu' e o 'outro' é possível, então que temporalidade pode ter? Trata-se de identificação com orientação para o *momentâneo*, para o *temporário* (temporal, tendência de época, sazonal) ou para o *permanente*? Importa ressaltar, desde já, que as aderências, sob o prisma de sua temporalidade, tendem a apresentar tensões e mobilidades entre elas, isto é, uma identificação com orientação para o momentâneo poderá deslizar para o temporal ou mesmo para o permanente e vice-versa. Isso dependerá dos desdobramentos em termos de ambientes e da 'consistência' (e suas implicações). Dito isso, é relevante discorrer sobre cada uma dessas orientações de temporalidade.

b.1) A identificação orientada para o *momentâneo* (IOM) toma lugar em um momento e contexto muito específicos, atualiza-se, tem seu clímax e consome-se perdendo o efeito identificatório. Sua duração tende a ser fugaz. Então, após materializar-se, pode retornar ao seu lugar de latência (do potencial), neutralizar-se, desaparecer, e/ou ainda, conforme referido, deslizar para assumir outra orientação. Para pontuar a manifestação dessa aderência, pode-se pensar na identificação realizada por um determinado público com uma ação turística específica, tal como a realização de um evento isolado, em um município qualquer, como por exemplo: "Encontro Nacional de ONGs e Caminhada ecológica". Aqui tenderá a ocorrer uma IOM com o local (sede do evento) mas que logo se dissipará pela não-continuidade;

b.2) a identificação orientada para o *temporário* (IOT) manifesta-se em uma temporalidade mais 'extensa', isto é, o período de sua aderência - seu aparecimento, clímax e perda de efeito - é mais longo do que o da IOM. Não se trata de um número exato de dias, meses e/ou anos, mas de uma aderência temporária/provisória que se manifesta como sazonalidade e/ou uma tendência de época. É o caso da moda/modismos, das gírias, marcas e comportamentos de uma estação. Assim, pode consistir numa aderência que ultrapassa um ano, bem como se reduzir a apenas alguns dias/mês(es). Dentre outros, pensa-se, aqui, naqueles destinos turísticos que se tornam o destino de uma temporada, seja devido a grandes investimentos de mídia e/ou a problemas econômico-político-estruturais dos outros destinos e outros. Como exemplo, tem-se o terrorismo - caso do ataque às torres gêmeas (World Trade Center), em Nova York, Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001 - que levou/leva os turistas a procurarem destinos considerados mais seguros;

b.3) as identificações orientadas para o *permanente* (IOP), por sua vez, são aderências inclinadas a uma certa estabilidade. Isso não significa dizer que sejam identificações cristalizadas -

permanentes no sentido de definitivas. Antes, são aderências mais estáveis porque sua *consistência* é construída em longo prazo, ou seja, não se tratam de modismos, mas de elaborações com fortes impressões eco-histórico-psico-sócio-culturais. Normalmente, esses processos identificatórios apresentam suficiência de flexibilidade e mobilidade que lhes permitem acompanhar as mudanças do ‘outro’, de modo que o ‘eu’ possa transformar-se ‘com’ e ‘nas’ transformações desse ‘outro’. Também é relevante salientar que, devido à aderência ser mais duradoura e complexa, o ‘eu’ tende a exercer mais influência sobre o ‘outro’ (com o qual se identifica) do que nas orientações momentânea e temporal. Exemplos dessa orientação identificatória são as aderências dos sujeitos-indivíduos aos seus grupos socioculturais, às suas famílias (não necessariamente todas), aos paradigmas científicos, econômicos, sociais e outros. Na perspectiva do Turismo, pode-se pensar nas identificações com um determinado atrativo/produto turístico, planejado e gerenciado com seriedade, compromisso e competência, fazendo com que construa sua imagem-conceito de maneira adequada ao que a entidade é de fato (como por exemplo Ouro Preto, Bonito e Vale dos Vinhedos), bem como na aderência com a história, a filosofia, os compromissos e a ideologia que norteiam um empreendimento turístico específico.

c) *intensidade* - essa noção contempla os diferentes graus de identificação, possíveis de ser atualizados entre o ‘eu’ e o ‘outro’. Também, aqui, a *consistência* exerce forte influência na definição dos níveis de energia e vigor materializados na relação ‘eu’-‘outro’. Assim, as intensidades podem ser da qualidade do vínculo frouxo, do pouco aderente e apresentar pouca ou nenhuma emoção e/ou entrega, e, em diferentes gradações, chegar aos casos dos vínculos mais estreitos, dos vínculos morais, de muita emoção, de forte fervor e entrega, de embriaguez e, ao extremo, de neutralização do ‘eu’ em favor do ‘outro’.

Observa-se que as relações identificatórias mais duradouras não são, necessariamente, mais intensas, ou seja, a intensidade não depende exclusivamente da temporalidade. Antes, é provável que uma identificação *momentânea* goze de mais intensidade do que uma aderência com orientação para o *temporário* ou para o *permanente*. Até porque, com o tempo, o ‘outro’ inclina-se a se permitir conhecer de maneira mais completa, tornando-se, portanto, menos surpreendente, e mais previsível. Assim, tende a também neutralizar os níveis de intensidade da relação identificatória: o vínculo pode, inclusive, manter-se mais por acomodação do que por intensa vibração. Exemplos são as relações de casais em que a intensidade, no sentido de forte atração,

vigor, deslizou para uma outra forma de identificação estabilizada sobre as sensações de companheirismo e segurança.

Para verificar a intensidade da identificação é preciso analisar cada caso, até porque, quando se trata de um pólo que apresenta várias possibilidades, tais como turismo aventura, de negócios, gastronômico e cultural, pode-se ter situações com alta, média e baixa intensidades identificatórias. Pode-se, inclusive, afirmar que alguns segmentos do turismo, pelas suas especificidades, exigem processos identificatórios mais intensos, isto é, ou ocorre a intensa identificação ou é provável que o turista opte por outras possibilidades. O turismo de aventura tende a estar contemplado nesse grupo. Por sua vez, o turismo cultural, dependendo dos níveis de estranhamento causados e dos desejos que os turistas têm frente à diversidade cultural, inclina-se a atualizar níveis identificatórios de média intensidade (o que não significa dizer que não possam ocorrer com outras intensidades). Por fim, pode-se dizer que os processos turísticos fomentados pelos negócios, devido à sua constituição, tendem a ser de baixa intensidade identificatória.

Importa observar, aqui, que essas proposições de intensidade identificatórias não se tratam de espaços com delimitações exatas, ou seja, elas são construídas sobre a idéia de tendência. Destaca-se, ainda, sob o prisma da *consistência* dos processos de aderência identificatória, que as noções de *possibilidade*, *temporalidade* e *intensidade* podem ser articuladas de diferentes formas (cruzamentos) para melhor compreender e explicar as complexas atualizações das identificações.

Frente ao fato de as aderências identificatórias serem processuais e dispersivas, isto é, manifestarem-se acordadas com as efervescências atualizadas nas e pelas *consistências* (conforme descrito), com diferentes *temporalidades* e *intensidades*, as tentativas de apreendê-las, como fenômenos, estão predestinadas a apenas captar algo como uma vaga percepção sobre tais identificações. Caso as aderências identificatórias estejam orientadas para o *momentâneo*, a dificuldade em se compreender/explicar o fenômeno parece ser potencializada, pois consistem em manifestações com tendência a se esgotarem rapidamente. No entanto, é muito provável que identificações com orientação para o permanente possam ser melhor compreendidas/explicadas por permitirem ser acessadas de maneira mais complexa, pois que sua *temporalidade* possibilita a realização de várias incursões à sua tessitura simbólica. Desse modo, pode-se investigar as identificações entre os públicos e o atrativo/pólo turístico, sob o viés de as tensões aí presentificadas articularem aspectos históricos, sociológicos, culturais, econômicos, políticos, psicológicos, fisiológicos, estruturais e outros.

De qualquer forma, é preciso observar que os empreendimentos, os atrativos e/ou os pólos turísticos necessitam da simpatia dos públicos, ou seja, da sua identificação para com os fazeres/constituição/apresentação para que possam desenvolver-se na adversidade de um mercado, cada vez mais exigente e global. Nesse sentido, é necessário que, de alguma forma, os turistas reais/potenciais reconheçam algo de si mesmos na entidade turística (empreendimento, atrativo, pólo), algo como sentir-se espelhado pela/na entidade. À medida que os turistas puderem ver um pouco de sua face (crenças, valores, padrões, belezas, diversidade, comportamentos, expectativa de atendimento, hospitalidade, facilidades e outros aspectos) na entidade turística, tenderão a dirigir-se para lá. Com base nisso, pode-se pensar que processos identificatórios orientados para o *permanente* tendem a fazer com a entidade se mantenha ativa por mais tempo e com maiores índices de segurança, o que não significa cristalização.

Dessa maneira, sob a perspectiva do planejamento dos processos que objetivam a identificação turismo-públicos, o quadro que se apresenta é, no mínimo, desafiador: a um só tempo, necessitam-se públicos identificados com os empreendimentos/atrativos/pólos (em diferentes temporalidades e intensidades) e imerge-se no espaço - nebuloso, sombrio, portanto pouco praticável e descritível - do mapeamento e apreensão da multiplicidade dispersiva de possibilidades identificatórias dos públicos.

Essa dificuldade pode ser minimizada atendendo-se ao seguinte processo: a) definir a própria potencialidade turística (dentre outros questionamentos, a entidade turística precisa responder a: quem sou? A quem me destino? O que me diferencia dos demais? Qual a imagem ideal?); b) conhecer o público-alvo (Quais são seus valores, crenças e padrões? Como devo me apresentar e comunicar? Quais são suas expectativas? Quais são seus pressupostos básicos? enfim, qual o perfil do público-alvo?); d) estruturar-se para atender às demandas; e) definir as estratégias de apresentação, comunicação e relacionamento, bem como as de mediação e midiatização; e) realizar as ações, as avaliações e o seu permanente redimensionamento. O que se pontuou consiste numa simplificação do processo que permite principiari a qualificação da relação entre o atrativo/pólo turístico e os públicos-alvo. Porém, aos poucos, será necessário complexificá-lo.

Qualificar esses processos e atingir níveis de identificação mais elevados pode significar longividade para a entidade turística, pois que apesar da mobilidade (fator que parece inerente ao fazer turístico) os públicos tenderão a voltar para o local e a trazer outros turistas. Por outro lado, identificações intensas, mas momentâneas tendem a exigir a permanente inovação, alteração da

entidade turística de modo a permitir sua continuidade.

Considerações finais

Por fim, cabe ressaltar que este trabalho objetivou apresentar, sob o viés do Turismo, a questão dos processos de aderência da *consistência* identificatória sob a perspectiva da *possibilidade*, da *temporalidade* e da *intensidade*. Não se trata de uma noção acabada, pois que foi apresentada num primeiro momento quando da tese de doutorado (BALDISSERA, 2004) para pensar os processos organizacionais e que, agora, pretende-se ampliá-la para discutir outros processos, especialmente o turístico.

Referências Bibliográficas

BALDISSERA, Rudimar. Imagem-conceito: anterior à comunicação, um lugar de significação. Porto Alegre: 2004. 295 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000a.

LANDOWSKI, Eric. Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a, p. 45-58.

_____. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (Org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b, p. 274-89.

_____. O método 5: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MAFFESOLI, Michel. Da identidade à identificação. In: _____. No fundo das aparências. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 299-350.

RUIZ, Castor Bartolomé. Os paradoxos do imaginário. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

Bibliografia

BALDISSERA, Rudimar. Comunicação organizacional: O treinamento de recursos humanos

como rito de passagem. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GEERTZ, Cliford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b, p. 103-33.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: Edipucrs, ago. 2001, n. 15, p. 74-81.

MORIN, Edgar. O método 3. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. Ciência com consciência. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000a.

_____. Introdução ao pensamento complexo. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. O método 4. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002a.